

O RETRATO

Põem-lhe a cabeleira pequena e empoada,
a cobrir-lhe os cabelos crespos e negros sempre despen-
teados. Atrás e dos lados escapam no entanto, descuidados e
rebelde, alguns canudos feitos a poder de ferro quente, óleo de
nardo e amêndoas doces. O seu olhar incendiado brilha mudo,
havendo nesse fundo penumbroso uma lentidão de raiva obsti-
nada; inquieta e falsa no seu vestido de seda azul-pervinca com
reflexos de prata e renda de pérola cinzenta, cingido ao busto
nervoso de criança magra.

Manter-se sentada ao longo do ócio de tardes inacabadas, para
lhe ser pintado o retrato, é um suplicio de lágrimas recusadas,
feito de ódios recalçados, de sussurros contidos, de gritos sumi-
dos e unhas enterradas até ao sangue nas palmas das mãos suadas.

Além do rosto ingrato e sedento, astuto e ardente, a Mariano
Maella interessa captar-lhe a atenção, travar-lhe o desagrado,
cativar-lhe o espírito que sente escapar, cheio de amargor, fel e
aziúme.

Desconfiada e esquiva, Carlota Joaquina depressa começa a
detestá-lo, alto e pálido, cabelo amarrado atrás com um laço de
veludo, deixando uma madeixa solta sobre a fronte ampla, gestos
demasiado medidos e lentos.

O funto ardente e por girar "medidos e lentos" que não
se dá, gradativo, ao longo do conto, no decorrer da real-
atividade, C. Carlota, não mais as medidas nos sinos e no
de serem antidotas.

Enquanto ele diante do cavaletto lhe copia os traços, adivinha a sua respiração retida, de quem está a tentar tirar-lhe a alma. Então o seu próprio coração ora esvoaça ora sobe demasiado alto, deixando-a a esvair-se aturdida, vista toldada, pulso amor-tecido num desmaio adiado que nunca chega a acontecer.

Sem se importar com o tremor que faz vacilar o corpinho delgado da princesa espanhola, o pintor demora-se, voraz, no orvalho dos seus olhos furtivos com obscuridades de bosque, nas unhas pequenas e róseas, ou na sensualidade a florescer já nos cantos dos lábios finos, unidos com determinação teimosa.

Por vezes, os longos dedos de Mariano Maella tremem, e ele pára de pintar até encontrar novo ânimo para regressar aos pin-céis e às tintas, dominado o desassossego que pouco a pouco está a enraizar-se, a tomar conta dele, prendendo-o e soltando-o no mesmo movimento, intento e modo de intuir o cálice enve-nenado guardado no coração de pedra da princesa. Mas existe igualmente o espinho, a navalha afiada, a ponta da crueldade por si já apercibida, a despontar apenas na crispção, para os outros invisível, do rosto moreno e impenetrável da infanta.

A sua essência conturbada?

No entanto, à medida que os dias passam demorados, o retrato vai surgindo, incerto, imperfeito ainda; mas de súbito a peçonha parece transbordar e ir brotando selvagem, a partir do corpo intocado daquela que é agora princesa da Beira, numa espécie de sangria fluida, descolorida, a contaminar Mariano Maella, que a partir desse momento começa a emagrecer, a enfra-quecer, a desfalecer, tomado de tonturas e de suores frios.

Quebrantado.

Carlota Joaquina, pelo contrário, sentada hirta na sua cadeira, fica horas a seguir-lhe os gestos extenuados, com um rancor sem perdão no qual se perde: atenta a cada pincelada, a cada

Lo as parecen as pintas
do pintor, usavam sua
crueldade e a sua coroa
aquela giro. opium

hesitação, a cada exaltação recalçada, à forma como ele, de paleta na mão esquerda, a desenha e pinta.

Diverte-a a sua vulnerabilidade à medida que ela experimenta a própria força, testemunha do lenredo fatal onde Maella se afunda, se emaranha numa espécie de teia, de rede, armadilha urdida pela fadiga que cada vez mais o aproxima do esgotamento. E o pintor vacila, como se estivesse atordoado, a apear-se todavia lúcido, apesar da perplexidade que intui diante dos sentimentos aos quais se entrega por inteiro - podendo isso impeli-lo até ao desvario -, do desejo voraz de a possuir pelo interior da textura húmida das tintas do retrato, à medida que este ganha forma, cores, espátula, pincéis e tela a captá-la tal como a vê e não como ela é.

Transformando-a.

Modificando-a.

Expondo-lhe a venalidade temporária, a inocência ardorosa que ele preferiria esquecida, perdida, mais voraz e feroz se possível a cada minuto, a cada segundo que passa; e com perseverança acaba por obter a maceração da pele da princesa até atingir o tom quente da canela moída.

Mas ela desafia-o através do mais completo desaparego e des-prendimento; ostensivamente errática e entediada, oscilante e inatingível.

A enfrentá-lo, arrogante.

Arrebatada e fácil, indiferente ao tempo que resta por cumprir em cada semana, em cada hora, supondo que desse modo Mariano Maella dará por findas as intermináveis sessões de pose, dia após dia, num lento rosário de ónix e febre, de delírio e safiras intactas.

Rapace.

Tem as pupilas fixas, como uma pequena água imóvel no seu voo planado, mordida pelo sol, e jamais um pássaro de gaiola, como por vezes julga entender-se.

Corre
no sol
com o

Enleada.

Sangue magoad, onde ele consegue fazer chegar a ponta infectada do pincel, sob o comando febril da sua vontade e da mão gelada, ansiosa e alvorçada.

Mariano Maella arde por tocá-la, do mesmo modo apaixonado sua entrega à pintura; exigência de tomá-la para si na inteireza do gesto de imaginá-la, recriá-la, repintá-la vezes sem conta. Anseio só igual ao de conseguir destruí-la, extingui-la com um soporo, como a uma lamparina.

Transfigurando-a.

Ele que fora contratado para retratá-la embelezando-a, mostrando-a tal e qual como seria quando chegara a Portugal... Portanto, ao limitar-se a dar testemunho da princesa tal e qual como ela na verdade é, Maella desobedece, pois na verdade tenta destruir-lhe a aura de realeza na qual arduamente tem sido ocultada. Pior ainda, ao aceitar essa visão em silêncio, Carlota Joaquina passa aparentemente a sua cúmplice, conivente com o desacerto da própria imagem.

A jogar com o destino e também com o desdém.

Asobranceria.

Desse modo a escapar-lhe, inexacta: no desalinho, no excesso, no desassossego.

Expectante e evasiva.

Defendendo-se Carlota Joaquina de si mesma, usando a sua candura inquinada e nublada de búzio. Abrindo-se em sensualidades precoces, que de imediato se toldam e veladas se escusam e ela encobre: cúmplice, hipócrita, roçagante. Emoção afundada e oculta na sua face de criança maldosa.

Venenosa.

Pronta a morder-lhe o pulso caso Mariano Maella, por demais deslumbrado, se distraia e dela se aproxime desacomatado. E o retrato, à medida que a tranquilidade sobôbra, vai seguindo o seu

line e fôrçãõs pãre em
contato c' gde orçãõ de a. q'as altera-
ções nã são m'ãõs. p. 202
valendo nãõ são a fôrçaõ de a. q'as altera-
ções nã são m'ãõs. p. 202
pãre a fôrçaõ de a. q'as altera-
ções nã são m'ãõs. p. 202
cãõ m'ãõs, pãõs m'ãõs. p. 202
curso de rio de águas alterosas! Raso fundo obscurecido de um
quadro que mal equilibra o lodo onde se perde:

No precipício, na cisterna, no fosso.

Trama usada pelo pintor espanhol, que em vez de realçar Carlota Joaquina antes simula diluí-la: mais criança destruída e fantasmada pela sua perda infância, do que mulher a despertar já em cada feição, entre a pureza e o vício.

Obsessivo, Mariano Maella curva-se ansioso,

obcecado por captar aquilo que afinal é visão, embora julgue ser realidade; entregando-se, espantado, ao único acto de posse que conhece, no abraço dos tons trabalhados noite dentro, insensato, o espírito toldado pelo desvario, no desleixo de conter as correntezas da paixão.

Insónias com as quais desculpa no dia seguinte o modo errante mas obstinado com que fita Carlota Joaquina, por seu lado aquietada, sônsa e astuciosa na cadeira de braços forrados a brocado, grande no sobrar do seu leve e franzino porte.

Sôfregos os dois, mas ambos imóveis.

Doentes e doendo um no outro: a menina ardilosa e seca, vingativa, fazendo frente aos sentimentos amotinados, e o pintor, sôfrego, fremente e agitado, manejando as tintas preparadas durante a madrugada insonse — pigmentos, corantes, óleos, nos quais mistura as resinas, os pós por si trituados, moidos muito finos.

Cores que enxagua com extremo cuidado, uma por uma, e em seguida mexe com a vareta de vidro, dobra e desdobra com a espátula: o anil e o carmesim, mas também a cochinilha escarlate, o verde-íris, o azul-da-prússia e o negro da Alemanha, o branco-chumbo e o azul obtido do lápis-lazúli.

Para o final deixa a pedra de fel, a terra de Colónia, o cinabre, o amarelo-enxofre, mas igualmente o esmalte e o ferrete de Espanha. Num arco-íris luxuriante que o entontece, o estonteia e, em seguida, o abate sobre a cama num sono pesado.

cont... arcuantes serios de ruz. fegatada faz ci que os
desajo de comen se mntuam, tal com os comu que compoer
o "arceusio basculante". 201 Vnto - Saber lehor ci o doreji
mme - 14. constantes unisioes e fucqezos, Qretuato atia

Noutra ala do Palácio de Queluz,

Carlota Joaquina dorme sobressaltada, devorada por pressentimentos e aflições que lhe provocam pesadelos turvos, povoados de medonhas aparições e de terríveis presságios. E quando na tarde seguinte se senta de novo nas duas altas almofadas de *shantung* ressentida mas pronta a ceder a sua parte de dentro, conivente com o rapto da sua alma, à medida que Mariano Maella lhe capta uma por uma as feições, as expressões, a raiz obscura de mandrágora do seu espírito, e asrouba a fim de as colocar no retrato que, com o pretexto de continuar inacabado, no final da tarde ele cobre com um pano manchado de violeta-da-pérsia, isolando-o de todos.

E a infanta, que enquanto posa emudece, fitando-o enfiada, funesta, fatal, traçando uma cruz com os dedos anelados de rubis cor de sangue coalhado em cima dos joelhos de sino, a formarem um pequenino monte sob a seda azul-pervinca do mesmo vestido usado ao longo dos meses, enfurece-se e empa-
lidece mais ainda,

cor de cário e de cera, olhar maligno.

Tal como Mariano Maella a pinta.

Matreira.

Olhares trocados entre os dois, ambos banidos do sentimento de recusa de que comungam, para logo voltarem a fitar-se nessa espécie de olhar clandestino onde se encontram, embora para sempre perdidos um do outro.

A pouca idade de Carlota Joaquina é pretexto aparentemente aceite para a demora do tempo que o retrato leva a ser feito, sem no entanto impedir que a maledicência corra mais do que se apouca, furtiva e maldosa.

Rasteira, insidiosa e malévola.

Cousa pouca seria, se a certa altura a tez dela não começasse a ganhar uma estranha luz dourada que a nimba e os seus negros

olhos cintilantes não tomassem equívocas claridades esbraseadas, que assustam quem nisso repara.

Um dia Mariano Maella cai de cama, roído pela febre e por vómitos negros e ácidos, e logo todos o dizem enfeitado e posuído, o asseguram embruxado. E quando, por descuido ou maldade, alguém confidencia haver um rasto de incenso queimado nos aposentos da princesa,

terem sido encontradas velas gastas em torno do seu leito intocado, casto, cheirando a sua câmara a mar, a crê e a enxofre, as suas damas e fidalgas persignam-se e afastam-se aterradas, supersticiosas.

Havendo mesmo quem fuja da Corte em Queluz, alarmado, amedrontado, ao descobrirem-na uma noite, deitando em lânguido esquecimento tardio, pequenos cristais que manêja com demoras dormentes, acariciando-os antes de os voltar a guardar no interior das mangas tufadas dos vestidos de seda e de veludo, escondidos nos seus punhos apertados, ou ocultos nos corpetezinhos curtos, onde continua a não haver sinal do desponstar dos peitos.

Os silêncios nocturnos passam a ser entrecortados de suspiros, gemidos, de cícios, murmúrios e de inexplicáveis sussurros.

Conta-se mesmo que de madrugada começaram a aparecer pequenas cruzeiras e esqueletos de aves e velas acesas em torno do leito da princesa da Beira, que grita durante o sono.

Há também uns estranhos odores ressentidos a maré baixa, a lodo, a águas putrefactas, e perpassando por tudo isto escuta-se de vez em quando um rumor movediço, entrecortado por um roçar de asas.

Numa longa madrugada de negrumes e tempestades, Mariano Maella sai em braços do Palácio de Queluz, ajudado pelos raros amigos que tem na Corte portuguesa; e na sua carruagem de janelas fechadas e cortinas de couro descidas, parte a caminho de Espanha, levando consigo o retrato inacabado da princesa Carlota Joaquina.

Quadro envolto em sedas e cetins, embrulhado por cobertores de papa. Onde, num tremor de delírio, ele enterra os dedos lívidos e gelados.

embrulho
de seda
e cetins
o retrato de
Carlota Joaquina
deu-se a
Mariano Maella
o retrato de
Carlota Joaquina
deu-se a
Mariano Maella